



Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Curso de Licenciatura em Antropologia

Trabalho de Culminação de Estudos

**Dinâmicas de ocupação e de uso de espaço e interacção entre pessoas
na Baixa da cidade de Maputo**

Candidato: Armando Vasco Mandlate
Supervisor: Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Dezembro de 2025

Dinâmicas de ocupação e de uso de espaço e interacção entre pessoas na Baixa da cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de Projecto de Pesquisa, submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

O candidato

(Armando Vasco Mandlate)

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Dezembro de 2025

Declaração de originalidade

Declaro por minha honra, que este Projecto de Pesquisa é original, nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau académico. O mesmo resulta da minha investigação pessoal, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências bibliográficas as fontes de informação por mim utilizadas.

Armando Vasco Mandlate

Maputo, Dezembro de 2025

Dedicatória

Em memória do Meu Pai, Vasco Mandlate. À minha mãe, Maria Timana, por terem-me nascido, criado e educado em meio à adversidades. Às minhas filhas, Márcia, Arnélia e Kyara para que se inspirem no exemplo do pai e à minha companheira, Marta, pelo amor e apoio incondicional.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à minha família pelo amor incondicional, especialmente aos meus pais, que me deram a vida e educaram-me com amor e dedicação, mesmo diante das imensas dificuldades. O seu exemplo de força e resiliência inspirou-me a crescer e a tornar-me no homem que sou hoje. Agradeço também à minha irmã Angelina, que assumiu um papel fundamental na minha vida, proporcionando-me não apenas o necessário, mas também oportunidades para sonhar e crescer. Agradeço igualmente à minha companheira, pela compreensão e apoio.

Ao Emídio Gune, meu supervisor, a quem muito admiro e me inspiro, por ser uma referência e que tudo fez para a materialização deste trabalho, desde as críticas que me fizeram crescer, correcções que me ensinaram a precisão, as sugestões que me abriram novas perspectivas, conselhos que me guiaram no momento difícil, a paciência que me deu tranquilidade e a disponibilidade que me fez sentir apoiado. Os meus agradecimentos são extensivos ao corpo docente do DAA, por ensinar-me não apenas o conhecimento teórico, mas também, a ser uma pessoa melhor e preparada para o mundo real.

Estendo a minha gratidão aos meus participantes de estudo, que se mostraram disponíveis e abertos a partilhar suas experiências comigo. Agradeço pela confiança depositada em mim, pela disposição em contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa e pela convivência que tivemos durante o processo.

Aos meus colegas da turma de Antropologia 2021, muito obrigado pelos momentos de aprendizagem e companheirismo. Sou grato à Argentina Siteo, Belito Albano, Chonil Mandlate, a quem chamo carinhosamente de sobrinha, Dulce Linha, Sara Magul, e às colegas de grupo de supervisandos, Diana Maputso, Elvina Nwatiyakale e Inexa Changua, e a todos os colegas que fizeram parte da minha trajectória académica. Sou igualmente grato aos meus colegas da profissão, que considero irmãos, Airoso, Namburete e Sigauque, que me inspiraram e apoiaram-me incondicionalmente durante todo processo estudantil.

A todos, o meu muito obrigado!

Lista de abreviaturas

ABEVAMO	Associação Bedjany Vavassate Va Moçambique
ARPAC	Arquivo do Património Cultural
DAA	Departamento de Arqueologia e Antropologia
MTEP	Mulheres que Trabalham em Espaços de Prostituição
PRM	Polícia da República de Moçambique
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

Glossário

<i>Cliente</i>	Termo usado para referir-se a pessoas que buscam serviços sexuais e de vários serviços prestados na Baixa da cidade.
<i>Confusionar</i>	Termo informal que ignifica causar confusão ou criar desordem.
<i>Esquinas</i>	Locais como despensas ou depósitos de edifícios, edifícios em estado de ruína que funcionavam como armazéns e lojas, corredores de instituições públicas e privadas e parques de viaturas, que são usados de forma improvisada pelas trabalhadoras de sexo para a prática de relações sexuais.
<i>Molwenes</i>	Expressão usada para designar indivíduos marginais.
<i>Mugorodes</i>	Termo usado para referir-se a prédios em estado de ruína ou escombros, onde os chamados meninos de rua criam espaços improvisados como quartos, utilizando materiais como capulanas, lençóis, lonas e paus, que constituem seus lares.
<i>Programa/Saída</i>	Expressão usada pelas trabalhadoras de sexo para referir os envolvimento sexuais que têm na sua actividade.
<i>Prostituta/Put</i>	Expressão usada para designar uma mulher que vende o próprio corpo para prática de sexo em troca de valores monetários ou outros bens.
<i>Tobias</i>	Nome do edifício em estado de ruína onde residem alguns moradores de rua e mulheres trabalhadoras de sexo.

Resumo

A antropologia tem analisado o espaço a partir de uma perspectiva que explora identidades e significados que as pessoas atribuem ao mesmo e de outra que explora como relações sociais constroem os espaços sociais. Essa literatura permite compreender o espaço como um lugar de construção de identidade e significado para as pessoas e grupos e como um produto das relações e interações sociais que o constroem. Inspirado por essa literatura e com recurso a uma pesquisa etnográfica, neste trabalho interrogo a construção do espaço a partir de uma análise das dinâmicas de acesso, ocupação e uso de espaço e de interação entre pessoas na Baixa da cidade de Maputo.

A partir dos resultados da pesquisa compreendi que a Baixa da cidade é ocupada e usada diferentemente de acordo com a construção do espaço que os utentes fazem dela. Durante o meio de semana, a zona é ocupada por trabalhadores, pedestres, vendedores e utentes, com o trabalho sexual discreto, e as ruas tendem a ser usadas para circulação e estacionamento, nesse período o espaço é construído como lugar de trânsito de pessoas e bens com foco no trabalho formal. À noite, as vésperas de fim-de-semana e de feriados e aos sábados, a ocupação muda, e a Baixa tende a ser construída como um destino em si, enquanto espaço de lazer e diversão onde as pessoas assumem temporariamente o papel de provedor de serviços sexuais ou de cliente, para no final retomarem cada um aos seus papéis de donas de casa e mães de família e de pais de família ou outros perfis com os quais se associam e se deixam associar no quotidiano.

Palavras-chave: Espaço social, identidades, transição, liminaridade e risco.

Índice

Declaração de originalidade.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Lista de abreviaturas	iv
Glossário	v
Resumo	vi
1. Introdução	1
2. Revisão da literatura.....	4
3. Quadro teórico e conceptual	8
3.1 Quadro teórico.....	8
3.2 Conceptualização	8
4. Procedimentos Metodológicos.....	16
4.1 Etapas da pesquisa.....	16
4.2 Métodos e técnicas de recolha de dados.....	17
4.3 Participantes do estudo.....	19
Quadro 1: Perfil sociodemográfico das entrevistadas	20
Quadro 2: Perfil sociodemográfico dos entrevistados.....	20
4.4 Questões éticas	21
4.5 Principais constrangimentos.....	21
5. Na zona de estudo, a Baixa da cidade de Maputo	23
6. Dinâmicas de ocupação e de uso dos espaços na Baixa da cidade de Maputo	25
6.1 Dinâmicas de acesso, ocupação e usos dos espaços na Baixa da cidade de Maputo	25
6.2 Transições no espaço da Baixa da cidade de Maputo_	31
6.3 Construção e gestão de espaços de risco	35
7. Considerações Finais	41
Referências Bibliográficas.....	44

1. Introdução

O presente trabalho analisa dinâmicas de ocupação e de uso de espaço e interacção entre pessoas na Baixa da cidade de Maputo. O meu interesse inicial visava explorar a temática das mulheres que trabalham em espaços de prostituição na referida zona da cidade, onde desenvolvo a minha actividade profissional e interajo frequentemente com cenários referentes a essa temática.

Iniciada a minha pesquisa exploratória notei que era no período nocturno que se concentravam as trabalhadoras de sexo em pleno exercício de suas actividades o que contrastava com a sua ausência durante o período diurno. Adicionalmente, notei que existiam restrições na ocupação dos espaços pelas trabalhadoras de sexo, sendo que cada uma ocupava espaços onde eram reconhecidas como a ele pertencentes. Assim, diante dessa diversidade de ocupação e de usos atribuídos aos espaços da zona da Baixa da cidade considerei que seria mais produtivo explorar a questão da dinâmica no uso e na ocupação dos espaços, tema que passou a ser o foco do presente trabalho. O ajuste temático segue Evans-Pritchard (1978) *apud* Peirano (1992) que não tinha interesse por bruxaria quando foi para a terra Zande, mas uma vez que os Azande tinham deixou-se guiar pelo interesse que eles tinham.

Da literatura analisada sobre espaço, identifiquei duas perspectivas das quais, a primeira centrada na identidade e significado que o espaço tem para as pessoas e grupos (Augé 2005; Barbosa da Silva 2009; Fortuna 1997; Silvano 2017) e a segunda centrada nas relações sociais e como elas constroem o espaço (Cardoso 1998; Egler 2005; Fernandes 1992; Sancho 2016). Se por um lado essa literatura permite compreender o espaço como um lugar de construção de identidade e significado para as pessoas e grupos e como um produto das relações e interacções sociais que o constroem, por outro lado, inspirado por essa literatura e com recurso a uma pesquisa etnográfica, neste trabalho interrogo a construção do espaço a partir de uma análise das dinâmicas de acesso, ocupação e uso de espaço e de interacção entre pessoas na Baixa da cidade de Maputo.

Com base nos dados recolhidos compreendi que a Baixa da cidade é ocupada e usada diferentemente de acordo com o horário do dia e o dia de semana. Durante o meio de semana, a

zona é ocupada por trabalhadores, pedestres, vendedores e utentes, com o trabalho sexual discreto, e as ruas tendem a ser usadas para circulação e estacionamento, com a interacção centrada no trabalho formal e no trânsito de pessoas e bens. À noite, as vésperas de fim-de-semana e de feriados e aos sábados, a ocupação muda, e a Baixa tende a tornar-se um destino em si, enquanto espaço de lazer e diversão onde as pessoas assumem temporariamente o papel de provedor de serviços sexuais ou de cliente, para no final retomarem cada um aos seus papéis de donas de casa e mães de família e de pais de família ou outros perfis com os quais se associam e se deixam associar no quotidiano.

Nesses espaços, os intervenientes que nas suas zonas residenciais desempenham o papel de mães, donas de casas, de pais e chefes de família ao entrarem para o espaço da Baixa enquanto espaço sexual liminar ajustam suas aparências para adequarem-se as dinâmicas daquele contexto onde desempenham papéis de provedores de serviço, sexual, de segurança ou de clientes. Concluída a jornada na Baixa enquanto espaço sexual liminar, esses intervenientes retornam as suas zonas de residências e de trabalho e aos seus papéis de mães, donas de casas, de pais e chefes de família, retornando ao seu sentido de comunidade. Essas dinâmicas de ocupação e uso da Baixa da cidade condicionam a imagem que se tem daquele espaço, que configura e reifica as diferentes construções que as pessoas fazem daquele espaço.

O uso da etnografia permitiu-me assim confrontar o meu senso comum sobre a Baixa como um espaço de prostituição para compreendê-lo como um espaço construído em função das dinâmicas no seu uso e na sua ocupação que propicia uma situação liminar, ao transmutar-se temporariamente de um local de trânsito laboral para um local de destino sexual onde pessoas transmutam suas identidades quotidianas para caber nas identidades que as dinâmicas de interacção demandam.

Apresento o trabalho em sete partes. Na primeira parte apresento a introdução, onde exponho o objectivo do trabalho, a pergunta de partida, na segunda apresento a revisão de literatura, na terceira parte apresento o quadro teórico e conceptual, na quarta apresento procedimentos metodológicos usados para recolha de dados, etapas da pesquisa; método e técnicas de recolha de

dados; participantes do estudo e perfil sociodemográfico dos entrevistados; questões éticas e, principais constrangimentos.

Na quinta parte apresento a zona de estudo, a Baixa da cidade de Maputo. Na sexta parte apresento dinâmicas de ocupação e de uso dos espaços, onde descrevo as dinâmicas de acesso, ocupação e usos dos espaços na Baixa da cidade de Maputo, transições no espaço da Baixa da cidade de Maputo e construção e gestão de espaços de risco. Na sétima e última parte apresento as considerações finais seguidas pelas referências usadas ao longo do trabalho.

2. Revisão da literatura

Da literatura analisada sobre espaço identifiquei duas perspectivas das quais a primeira centrada na identidade e significado que o espaço tem para as pessoas e grupos (Augé 2005; Barbosa da Silva 2009; Fortuna 1997; Silvano 2017) e a segunda centrada nas relações sociais e como elas constroem o espaço (Cardoso 1998; Egler 2005; Fernandes 1992; Sancho 2016).

Quanto a primeira perspectiva centrada na identidade e significado que o espaço tem para as pessoas e grupos, Augé (2005) explica que os “não lugares” são espaços que não favorecem a formação de relações sociais fortes ou a construção de uma identidade local, pois as pessoas não estão em casa, estão apenas de passagem e não tem vínculos profundos com o lugar ou com outras pessoas. Os espaços, como aeroportos, hotéis, são caracterizados por falta de relações sociais e são produto da globalização e da aceleração da vida moderna, e que eles distinguem-se dos “lugares antropológicos”, que são espaços com uma identidade própria e relações sociais.

A explicação de Augé (2005) permite compreender que existem espaços que por sua natureza transitório não favorecem a formação de relações sociais fortes ou a construção de uma identidade local, mas fica por compreender se a Baixa da cidade de Maputo é “não lugar” apenas porque as pessoas estão de passagem, ou é um espaço com dinâmicas sociais próprias e identidade específica, apesar da transitoriedade de alguns atores.

Com uma ideia diferente da de Augé (2005), Fortuna (1997) explica que as cidades são espaços onde as culturas e identidades são criadas e transformadas pelas interações sociais e pela globalização. O autor mostra como a vida nas cidades é influenciada por forças globais, mas também como as pessoas nas cidades criam suas próprias culturas e modos de viver.

A explicação de Fortuna (1997) permite compreender que as cidades são espaços dinâmicos onde as culturas e identidades são moldadas pelas interações sociais e pela globalização. Isso ajuda a entender como as interações entre trabalhadoras de sexo, clientes, seguranças e polícias, na Baixa da cidade de Maputo, contribuem para criação de uma cultura local específica e como a globalização influencia essas dinâmicas, mas fica por compreender as tensões e conflitos específicos que existem nas dinâmicas de ocupação e uso de espaço na Baixa da cidade.

Com um pensamento parcialmente semelhante ao de Fortuna (1997), Barbosa da Silva (2009) no seu artigo explica que o território é um lugar de identidade e significado para os Guarani e estabelecem relações comunitárias e intercomunitárias e adaptam-se às mudanças no território, incorporando novos recursos e espaços em suas estratégias de sobrevivência.

O conceito de Barbosa da Silva (2009) permite compreender o espaço como essencial para a construção de identidade dos Guarani, onde eles estabelecem relações comunitárias e adaptam-se às mudanças, incorporando novos recursos e espaços para sobreviver. O contexto apresentado pelo autor é específico e pode não ser aplicável directamente em contexto como a Baixa da cidade de Maputo com vários intervenientes.

Com um pensamento parcialmente similar ao de Barbosa da Silva (2009) mas introduz outros elementos é Silvano (2017) que explica o espaço como um lugar de construção social e cultural, essencial para a compreensão da vida social e da construção de identidade. O espaço é um lugar de interacção e significado, influenciado por factores históricos, políticos e económicos, onde as pessoas vivem, relacionam-se e constroem suas identidades.

A explicação de Silvano (2017) permite compreender que o espaço é fundamental para entender a vida social e a construção de identidade, como também ajuda a entender como as interacções entre as pessoas como trabalhadoras de sexo, clientes, seguranças e polícias constroem o espaço e são influenciada por ele, e como factores históricos, políticos e económicos influenciam as dinâmicas no espaço, o que é fundamental para analisar as dinâmicas de ocupação e uso dos espaços na Baixa da cidade de Maputo.

No geral a primeira perspectiva permite compreender o espaço enquanto construção de identidade e significado que o espaço tem para as pessoas e grupos, mas fica por compreender as perspectivas e experiências específicas em um contexto em que envolve atores como trabalhadoras de sexo, clientes, seguranças e polícias.

Quanto a segunda perspectiva centrada nas relações sociais e como elas constroem o espaço, Egler (2005) explica o espaço social como aquele percebido entre os indivíduos que participam de um colectivo, como de natureza imaterial, os vínculos que traçam as relações entre os indivíduos e a sociedade e que formam o tecido social. O estudo de Egler permite compreender o espaço social como um lugar onde as pessoas conectam-se, relacionam-se em um grupo, é o tecido invisível que une as pessoas em uma sociedade, mas fica por compreender as características físicas e estruturais na formação das relações sociais.

Com um pensamento semelhante ao de Egler (2005), Fernandes (1992) explica o espaço como um campo de força onde os agentes sociais se definem pelas suas posições relativas, a sociedade produz o espaço social, através da apropriação da natureza, da divisão do trabalho e da diferenciação. O próprio espaço físico é também construção do imaginário individual e colectivo. A explicação de Fernandes (1992) permite compreender que as relações sociais são moldadas pelas posições e percepções das pessoas, umas em relação às outras, mas a explicação atrapalha, pois fica por compreender o espaço físico nessas relações.

Com um pensamento parcialmente similar ao do Fernandes (1992) mas introduz um novo elemento é Sancho (2016), que explica que o espaço é criado pelas pessoas e suas interacções e que a arte pode ajudar a entender melhor o espaço, pois ele é moldado pela cultura e pelas acções sociais. Portanto, o espaço não é apenas um lugar onde as coisas acontecem, é um produto das interacções entre as pessoas.

A explicação de Sancho (2016) permite compreender que o espaço é dinâmico e está em constante transformação e sugere que a arte e as outras expressões culturais podem ser ferramentas valiosas para entender essas dinâmicas dos espaços, mas fica por compreender como as dinâmicas de poder entre trabalhadoras de sexo, clientes, seguranças e polícias influenciam a ocupação e o uso dos espaços.

Com um pensamento parcialmente semelhante ao de Sancho (2016), Cardoso (1998) explica que o espaço não é apenas um lugar vazio onde as pessoas desenvolvem-se, mas sim um produto das relações sociais e das práticas humanas. A explicação de Cardoso (1998) permite compreender o espaço não como algo que existe por si só, independentemente das pessoas, mas sim um resultado das interações e relações que as pessoas estabelecem e que as acções das pessoas moldam e dão significado ao espaço, tornando o espaço um produto social dinâmico, mas fica por compreender como as regras e os interesses de alguns atores podem limitar como as pessoas usam o espaço.

No geral a segunda perspectiva permite compreender o espaço como um produto das relações sociais e como elas constroem o espaço, mas fica por compreender como o espaço é usado e disputado de maneiras que mudam ao longo do tempo.

De um modo geral, a literatura analisada permite compreender o espaço como um lugar de construção de identidade e significado para as pessoas e grupos e como um produto das relações e interações sociais que o constroem. Foi inspirado por essa literatura que neste trabalho interrogo a construção do espaço a partir de uma análise das dinâmicas de ocupação e de uso de espaço e interacção entre pessoas na Baixa da cidade de Maputo.

3. Quadro teórico e conceptual

3.1 Quadro teórico

Para a teorização do processo das dinâmicas de ocupação e de uso de espaço e interacção entre pessoas na Baixa da cidade de Maputo, combino duas teorias, as de liminaridade (Turner 1974) e construtivismo (Becker 1994) visando compreender a produção de sentidos e significados da ocupação dos espaços na Baixa da cidade de Maputo.

A teoria de liminaridade segundo Turner (1974) defende que o estado liminar é uma fase intermediária entre duas posições sociais, caracterizada pela ambiguidade, marginalidade e suspensão das normas. Para Turner (1974) as entidades liminares não se situam aqui e nem lá, estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convecções e cerimonial, para onde retomam passada essa liminaridade. Ainda de acordo com o autor, os atributos de liminaridade, ou de pessoas liminares são ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estado e posições num espaço cultural.

Segundo Becker (1994) o construtivismo não é uma prática nem um método, mas uma teoria que permite conceber o conhecimento como algo construído pelo sujeito através de sua acção e da interacção com o meio.

A adopção das teorias de liminaridade e construtivismo neste trabalho, permitiu compreender a ocupação e o uso do espaço bem como o processo de trânsito entre as identidades adoptadas nas zonas de residência e de trabalho entre os principais intervenientes na Baixa da cidade de Maputo e como os intervenientes da Baixa constroem seus próprios significados de espaço e normas de ocupação.

3.2 Conceptualização

Nessa parte do trabalho operacionalizei os conceitos prostituição, risco, identidade, estatuto, prestígio e espaço social.

Prostituição

Um dos autores que discute a questão de prostituição é Velho (1985), para este autor a mulher prostituta seria aquela que vive do comércio do sexo, vendendo o seu corpo a vários homens em condição de pagamento. O conceito apresentado por Velho (1986) permite compreender a prostituição como relação comercial e de troca onde o corpo é o instrumento de trabalho. Este conceito perde de vista as trabalhadoras de sexo que têm outro trabalho para além de prostituição e recorrem a prostituição como maneira de verem a sua renda crescer.

Na mesma linha de Velho (1986) encontramos o conceito apresentado por Holanda (1986), que define a prostituição como acto ou efeito de prostituir-se, pode ser comércio habitual ou profissional do amor sexual. O conceito de Holanda permite compreender a prostituição como uma actividade económica baseada na troca de serviços sexuais por dinheiro de forma repetida. O conceito de prostituição apresentado por Holanda atrapalha ao referir a prostituição como comércio habitual ou profissional e fica por compreender as outras formas de prostituição que podem ocorrer, por necessidade imediata ou favorecimento profissional, assim como por obrigação.

Muianga (2009) compreende a prostituição como a prática que implica a troca (consciente) de relações sexuais pelo dinheiro, ou outros bens, seja pela falta de condições socioeconómicas, pelo seu carácter de arrecadamento de renda mais flexível, ou ainda por outras razões. O conceito de Muianga permite compreender comparado com anteriores a complexidade do fenómeno, pois olha para os vários factores que levam a mulher a prostituir-se. Porém, atrapalha ao considerar a prostituição somente como troca consciente de relações sexuais, pois perde de vista as pessoas que não se identificam como prostitutas, mas que mantêm relações sexuais em troca de sustento ou presentes, como é o caso de mulheres que namoram homens muito mais velhos, assim como, aquelas que se prostituem por coerção.

Segundo Russo (2007) a prostituição deve ser entendida como uma forma de troca - tanto económico quanto sexual - que ultrapassa a si mesma, pois nesse universo são construídas identidades e relações sociais, ambas imersas em valores tanto económicos quanto de ordem afectiva. O conceito de prostituição apresentado por Russo (2007), é ideal e adequa-se ao

contexto da pesquisa, pois permite compreender que os envolvidos na prática sexual são seres pensantes e não neutros, como também permite compreender a prostituição como uma escolha consciente e não apenas fruto de exploração e pode levar à criação de políticas públicas que respeitem os direitos das trabalhadoras de sexo. Quando se fala de prostituição nesse trabalho, refere-se a esse conceito, assim como foi definido aqui.

Risco

Um dos autores que discute a questão de risco é Granjo (2004), para este autor o risco é a domesticação da ameaça, na tripla vertente de uma apropriação quantitativista que o apresenta como cognoscível, de uma sua previsão probabilística e da assunção de controlo sobre o aleatório. O conceito apresentado por Granjo (2004) permite compreender que ao conseguir quantificar e prever os riscos pode-se antecipar situações e conseguir tomar decisões mais assertivas, porém, o conceito não se adequa ao contexto da pesquisa, por ser um ambiente informal.

Segundo Giddens (1991), nas culturas tradicionais ou pré-modernas, eram considerados ambientes de risco as incertezas futuras relacionadas às vicissitudes do mundo físico, a ameaça da violência humana por parte dos exércitos de pilhagem, senhores de guerras locais, bandidos, salteadores e a perda da graça religiosa ou a influência mágica maligna. O conceito apresentado por Giddens (1991) permite compreender que nas culturas pré-modernas, os riscos eram percebidos como ameaças externas, como natureza, violência de grupos armados e influência mágica-religiosa. O conceito é problemático, pois foca mais nos riscos externos sem abordar as dinâmicas internas das sociedades.

Para Zanirato *et al* (2008), o risco é um produto social, cuja percepção é subjectiva e técnica, que envolve especialistas que o diagnosticam, mas deve mobilizar também especialistas em comunicar seus efeitos ao público, muitas das vezes distante da compreensão do potencial de perigo que um acontecimento pode acarretar. O conceito de Zanirato *et al* (2008) permite compreender comparado com conceitos anteriores, os diferentes factores sociais e culturais que intervêm na adopção de certos comportamentos, já que cada grupo social percebe os riscos de

maneiras distintas e ao considerar a dimensão subjectiva e técnica, une a dimensão científica, com a forma como cada pessoa concebe o mundo.

Na mesma linha de Zanirato *et al* (2008) encontramos o conceito apresentado por Capaina (2023), que define o risco como produção de danos que são consequências de decisões humanas causadas (por acções ou omissões ante a representação de um evento danoso) por oposição ao perigo que importa à produção de danos imputáveis a causas alheias ao próprio controlo, externas à decisão e que afectam o entorno humano ou natural. O conceito de risco apresentado por Capaina (2023) é ideal e adequa-se ao contexto da pesquisa, pois permite compreender o risco como produção de danos que são consequências de decisões humanas o que significa que pode ser evitado e aumentar o nível de intervenção. Portanto, quando se fala de risco nesse trabalho, refere-se a esse conceito, tal como definido aqui pelo autor.

Identidade

Um dos autores que discute a questão de identidade é Machado (2003), para este autor a identidade é um fenómeno que se processa ao longo da vida do indivíduo actuando como mecanismos reguladores das interacções sociais e de presença do outro na vida pessoal. O conceito de identidade apresentado por Machado (2003) permite compreender a identidade como um processo dinâmico, moldado pelas interacções sociais e pela influência dos outros na nossa vida. Portanto, ao considerar a identidade como algo que depende mais dos outros, perde de vista as pessoas que também constroem suas identidades com base nas suas escolhas individuais ou sentimentais.

De acordo com Castells (1999), identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um actor colectivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na acção social (Castells 1999). O conceito de identidade apresentado por Castells (1999) permite compreender comparado com o conceito anterior a identidade como produto de relações de poder e processos culturais, o que permite

analisar como um grupo constroem significados em contextos históricos, como também, reconhece que uma pessoa pode ter identidades múltiplas e dinâmicas.

Na mesma linha de Castells (1999) encontramos o conceito de Goffman (1978) que define identidade como uma construção através das escolhas dos indivíduos que partem da constituição de uma multiplicidade de papéis sociais que os tais indivíduos são impostos pela sociedade e que nelas também constroem a vista das interações sociais. O conceito de identidade apresentado por Goffman (1978) tem a vantagem pois permite compreender que os indivíduos desempenham diversos papéis na sociedade, como de ser trabalhador, mãe, marido, filho, encarregado de educação, vizinho, como também, vê a identidade como resultante das relações que o indivíduo estabelece na sociedade, através das escolhas individuais, assim como, a imposição pela sociedade, conceito que uso neste trabalho.

Estatuto

Um dos autores que discute a questão de estatuto é Gurjão de Mello (2017), para este autor estatuto em sentido amplo, entende-se a lei ou regulamento, em que se fixam os princípios institucionais ou orgânicos de uma colectividade ou corporação, pública ou particular (privada). O conceito de estatuto apresentado por Gurjão de Mello (2017) permite compreender estatuto como um conjunto de regras que define como uma organização funciona. Esse conceito é problemático por ser formal e não reflecte a realidade ou dinâmica do grupo social.

Na mesma linha de Gurjão de Mello (2017) encontramos o conceito de Diniz (2021), que define estatuto como um conjunto de normas jurídicas cuja característica comum é estabelecer regras de organização e funcionamento de uma sociedade, garantindo assim uma convivência harmónica e democrática na sociedade como um todo. O Conceito de estatuto apresentado por Diniz (2011) permite compreender o conjunto de regras que organiza e estrutura uma sociedade ou grupo, promovendo convivência harmónica. O conceito é problemático por ser formal e não se aplica a grupos informais, que muitas das vezes não têm regras formais, mas com normas e dinâmicas próprias.

Segundo Worsley (1983) *apud* Cristina (2014), estatuto social designa o lugar, ou posição que determinado indivíduo ou grupo ocupa na colectividade, bem como o conjunto de comportamentos que esse indivíduo ou grupo pode objectivamente esperar dos demais em virtude do papel social que desempenha. A posição social abarca o conjunto de privilégios e atributos com a posição que determinado indivíduo ou grupo ocupa na estrutura social. O conceito de estatuto social apresentado por Worsley (1983) *apud* Cristina (2014) tem a vantagem pois permite compreender comprado com os anteriores o lugar que um indivíduo ocupa dentro do grupo ao qual pertence, conceito que uso neste trabalho.

Prestígio

Um dos autores que discute a questão de prestígio é Weber (1972) *apud* Mutisse (2013), para este autor prestígio é o *status* de um determinado indivíduo ou grupo, o prestígio é uma qualidade comum entre os membros do grupo do mesmo *status*. O conceito de Weber permite compreender que o desejo de alcançar prestígio pode incentivar as pessoas a se empenhar mais e buscar o reconhecimento legítimo. Mas peca, pois quem não possui prestígio dentro de um grupo social, pode ser visto como menos digno ou sem mérito.

De acordo com Eisenstadt (1968) prestígio é atributo pertencente a agregados sociais e identifica três requisitos para a obtenção do prestígio que são: o estatuto de membro, a autoridade de grupo e o carisma. O prestígio se manifesta pelo reconhecimento dos participantes do grupo. O conceito apresentado por Eisenstad (1968), situa entre os melhores, pois permite compreender que o prestígio depende da validação dos membros do grupo e mostra que o prestígio de um indivíduo nasce e efectiva-se pela combinação dessas três dimensões, quem ele é no grupo social, o respeito que os outros têm por ele dentro do grupo e por fim, o jeito dele de ser.

Na mesma linha de Eisenstad (1986) encontramos o conceito de Munhoz e Peres (2022), que define o prestígio como a posição social que é confiada a indivíduos que possuem domínio (conhecimento ou habilidade) superior, de modo a alcançar ocasiões em que se tornam o modelo com quem os outros indivíduos querem aprender ou copiar. O prestígio depende do mérito aos olhos dos outros (ao invés da força desdobrada contra eles), e promove a admiração dos

inferiores (não seu medo), um desejo de proximidade (não distância) e períodos de observação sustentada (não olhares furtivos) (Munhoz e Peres 2022).

O conceito de Munhoz e Peres (2022) é ideal por permitir compreender que o prestígio é confiado a indivíduos ou grupo de indivíduos com base em conhecimento, habilidade e mérito pois o prestígio gera admiração e imitação dos inferiores dentro de um grupo social e pode incentivar os indivíduos a se empenhar mais e buscar o reconhecimento social. Portanto, quando se fala de prestígio nesse trabalho, refere-se a esse conceito, tal como foi definido.

Espaço social

Um dos autores que discute a questão de espaço social é Egler (2005), para este autor espaço social é percebido entre os indivíduos que participam de um colectivo, como de natureza imaterial, que se refere aos vínculos que traçam as relações entre os indivíduos e a sociedade e que formam o tecido social. O conceito de Egler (2005) permite compreender que o espaço social é como as pessoas conectam-se e relacionam-se em um grupo, é o tecido invisível que une as pessoas em uma sociedade. O conceito é problemático, ao considerar o espaço social imaterial, fica por compreender as características físicas e estruturais na formação das relações sociais.

Fernandes (1992) define o espaço social como um campo de forças onde os agentes sociais se definem pelas suas posições relativas. E de acordo com mesmo autor, o mundo humano torna-se um espaço de relações construído de acordo com os posicionamentos mútuos e com a avaliação que deles fazem os actores sociais. O conceito de Fernandes (1992) permite compreender comparado com anterior que as relações sociais são moldadas pelas posições e percepções das pessoas umas em relação às outras. O conceito atrapalha, pois fica por compreender o espaço físico nessas relações.

De acordo com Cardoso (1998) o conceito de espaço social designa os lugares que os indivíduos apropriam-se deles para residir e para realizar a suas actividades, tais lugares caracterizam-se por garantir simultaneamente identidade, relações e história aos membros do grupo cuja cultura o constituiu. O conceito de Cardoso (1998) permite compreender comparado com os anteriores que

os lugares onde vivemos e interagimos são fundamentais para construir quem somos e como nos relacionamos com os outros, pois é nesses espaços que criamos identidades e vínculos sociais. Portanto, o espaço é para as pessoas na Baixa da cidade o lugar de realização de actividades, de lazer e diversão, de residência e de construção de identidades, porque é nele onde estabelecem as suas relações sociais, conceito que uso neste trabalho.

4. Procedimentos Metodológicos

Nesta parte do trabalho apresento os procedimentos metodológicos seguidos para a materialização desta pesquisa. Começo por apresentar as etapas da pesquisa, seguidas dos métodos e das técnicas de recolha de dados, dos participantes da pesquisa, questões éticas e concluo com os principais constrangimentos encontrados ao longo da pesquisa e como foram geridos.

4.1 Etapas da pesquisa

Este trabalho foi realizado em três etapas nomeadamente, uma dedicada a pesquisa etnográfica, outra dedicada a revisão de literatura e a última dedicada a análise e interpretação dos dados.

Na primeira etapa, da pesquisa etnográfica, realizei uma observação directa, conversas informais e entrevistas semiestruturadas de Abril de 2024 e prolongou-se a Agosto de 2025. Realizei observação e entrevistas em diversas ruas e locais na Baixa da cidade de Maputo, incluindo as ruas de Bagamoyo, Consiglieri Pedroso, Mesquita e Gávea, as Travessas da Palmeira e Boa Morte, as Avenidas Mártires de Inhaminga e o entroncamento entre as avenidas 25 de Setembro e Filipe Samuel Magaia, bem como em locais como o parque de viaturas e bares situados na Baixa da cidade de Maputo. Adicionalmente, conversei com participantes nos mercados da Praça dos Combatentes, no município da cidade de Maputo, e do Patrice Lumumba, no município da Matola, que situam nas zonas habitacionais de algumas participantes da pesquisa.

Na segunda etapa, da revisão da literatura, depois de uma revisão inicial sobre a prostituição tópico inicial da pesquisa, conduzi uma revisão de literatura centrada nas dinâmicas de ocupação e de uso de espaços para adequar a reflexão aos dados que me parecem significativos a partir do trabalho etnográfico.

Consultei a bibliografia disponível, como monografias, dissertações, artigos e livros nas bibliotecas Central Brazão Mazula e biblioteca do DAA, ambas situadas no Campus principal da UEM. Adicionalmente, consultei a biblioteca do Centro Cultural Brasil-Moçambique e as bibliotecas virtuais, onde consultei material para a análise da temática. Essa revisão da literatura foi feita ao longo do decurso do trabalho.

Na terceira etapa, da análise e interpretação dos dados, fiz o registo dos dados resultantes da observação directa e das conversas informais tidas no contexto da pesquisa a partir de três principais formas a saber, mentalmente, por via de bloco de notas do telefone durante as observações e logo após as conversas informais e transcritos para o computador quando chegasse a casa.

A partir dos dados registados fiz a selecção dos dados e agrupei em partes. Na primeira parte agrupei os dados sobre o que observava, na segunda agrupei dados sobre o que os participantes do estudo diziam que faziam e acontecia. E depois fiz a leitura das situações comuns, o que permitiram-me identificar as tendências, onde percebi que existe uma lógica no que faziam e no que diziam, o que consequentemente possibilitaram-me a construção da hipótese na qual constitui o argumento final desta pesquisa.

4.2 Métodos e técnicas de recolha de dados

A presente pesquisa é um estudo etnográfico exploratório de tipo qualitativo. Como explica Mazucato (2018: 56), que com o método etnográfico pode ser utilizado quando o objectivo da pesquisa referir-se a fenómenos ou grupos sociais que permitem uma observação directa dos mesmos, para que identifique e descreva as suas características e que compreenda a questão de pesquisa suscitada sobre este objecto que se estuda.

As técnicas usadas para a realização deste trabalho etnográfico foram, observação directa, baseando-se em ver, ouvir e escrever de acordo com Cardoso de Oliveira (2006) do que acontece no seio do grupo pesquisado, e o uso de entrevistas semiestruturadas com base nas conversas informais.

Comecei a observar os espaços e as pessoas em Abril de 2024 nas ruas, durante vários dias de forma intercalada, no período de dia e de noite, e duravam entre 30 a 90 minutos durante o período do dia e de 90 a 120 minutos no período da noite. Observava parado e encostado no muro do Arquivo do Património Cultural (ARPAC), as vezes sentado dentro do parque de viaturas que fica ao longo da Rua do Bagamoyo, dentro dos bares e em movimento nas ruas e

avenidas da Baixa da cidade de Maputo onde os participantes do estudo exercem suas actividades ou por onde circulavam.

A observação directa consistiu na observação da forma como é feita a ocupação e o uso dos espaços e interacção entre pessoas na Baixa da cidade. Como as mulheres que trabalham em espaços de prostituição chegam e saem do local de trabalho, bem como os locais que ocupam para a realização das suas actividades, o que fazem para angariar os clientes e os locais onde elas atendem seus clientes e a sua interacção com outros interlocutores dos espaços, como os seguranças das instituições públicas e privadas e os agentes da polícia exercem suas actividades, a forma como os clientes negociam a prática da cópula com as provedoras dos serviços. A observação incluiu também a forma como os seguranças e os polícias interagem com aqueles grupos.

A observação directa foi importante para o meu estudo, pois permitiu perceber a forma como os interlocutores dos espaços comportam-se e interagem nesses espaços que para alguns é um local de trabalho e para outros, local de diversão e lazer. Estes dados eram anotados no bloco de notas do telefone, as vezes, memorizados e transcritos no computador quando chegasse a casa. A observação directa de acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), utiliza todos os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, sendo que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações no local onde pretende estudar.

Com o objectivo de aprofundar o que tinha compreendido a partir das observações, usei entrevistas semiestruturadas, feitas individualmente e colectivamente, guiada por alguns tópicos importantes, mas também deixei espaço para que os participantes partilhassem suas experiências e pensamentos de forma natural, criei perguntas abertas que permitiram aos participantes falar sobre suas experiências e opiniões de forma detalhada.

Entrevistei as mulheres que trabalham em espaços de prostituição, os clientes, os seguranças e agentes da polícia, as entrevistas aconteciam em diversos locais, tendo em conta a disponibilidade dos participantes. A realização das entrevistas dependeu da disponibilidade que os participantes mostravam para colaborar com a pesquisa, tendo ficado de fora os que não

quiseram participar cumprindo assim o proposto por Gil (2008) para quem, as pessoas que participam de qualquer pesquisa, têm não apenas o direito de ser informadas acerca dos propósitos da pesquisa, mas também, o de recusar-se a participar dela. As entrevistas eram realizadas no período da manhã, à tarde, à noite e nas madrugadas, quando estivesse na Baixa de serviço a fazer 24 horas, como também, conversava com os participantes sempre que me cruzasse com eles. As conversas duravam entre 20 a 90 minutos e eram realizadas na rua, dentro do parque de viaturas que fica ao longo da rua do Bagamoyo, dentro dos bares e nas barracas de venda de comidas nos mercados da Praça dos Combatentes, na cidade de Maputo e Patrice Lumumba, na Matola.

O uso das entrevistas permitiu que os participantes falassem livremente e aprofundassem temas específicos com os utilizadores do espaço, captando percepções e significações e isso foi importante porque favoreceu a emergência de assuntos não previstos que foram relevantes para a compreensão da temática. Como Marconi e Lakatos (2003: 197) explicam, a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador ter a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direcção que considere adequada, o que permite explorar mais amplamente uma questão a partir de perguntas abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal (Marconi e Lakatos 2003: 197).

Usei as conversas informais para seguir os participantes e aprofundar nos tópicos que eles consideravam importantes, isso foi fundamental porque permitiu-me compreender melhor as dinâmicas no uso e significação dos espaços.

Para registar os dados, usei o bloco de notas do telefone logo após as conversas para anotar as informações para deixar os participantes à vontade e não influenciar a conversa. O uso do bloco de notas do telemóvel facilitou-me o registo de algumas informações logo após o término das conversas informais e quando chegasse a casa, transcrevia as informações no computador.

4.3 Participantes do estudo

Para a pesquisa abordei pessoas que frequentam a área coberta pela pesquisa etnográfica, nomeadamente mulheres que trabalham em espaços de prostituição e seus clientes, vendedores

ambulantes, guardas, agentes da Polícia da República de Moçambique, Agentes de segurança privada e outras pessoas que frequentam a área. No total trabalhei com 14 participantes de forma mais intensa, dos quais oito do sexo feminino e seis do sexo masculino.

Quadro 1: Perfil sociodemográfico das entrevistadas

Nome	Idade	Filh@	Estado civil	Nível	Preço	Residência
Adilma	38	1	Solteira	5ª Classe	300/500 MT	Muhalaze
Ângela	-	1	Solteira	-	60/150 MT	Jardim
Cláudia	28	1	Solteira	11ª Classe	300/500 MT	Hulene
Goldina	-	3	Solteira	8ª Classe	60/150 MT	FPLM
Kiba	42	3	Solteira	11ª Classe	300/500 MT	Laulane
Olívia	32	2	Solteira	6ª Classe	300/500 MT	Munhuana
Paulina	30	2	Solteira	Universitária	300/500 MT	Mahotas
Saquim	41	3	Solteira	4ª Classe	60/150 MT	Santa Isabel

Das oito participantes, tinham idades entre os 28 anos e os 42 anos de idade, tinham entre um e três filhos, entre a 4ª classe e o ensino médio concluído, e residiam nos bairros periféricos da cidade Maputo e eram todas solteiras.

Quadro 2: Perfil sociodemográfico dos entrevistados

Nome	Idade	Filh@	Nível	Profissão	Residência	Tempo de Trabalho
Golfe	38	3	Licenciatura	PRM	Boane	18 Anos
Heliano	28	1	12ª Classe	PRM	Polana Caniço	6 Anos
Rachid	30	0	-	Cliente	Matola	-
Sérgio	38	4	7ª Classe	Segurança	Costa do Sol	11 Anos
Sílvio	35	2	-	Cliente	Zimpeto	-
Tatá	39	2	12ª Classe	PRM	Malhazine	13 Anos

Dos seis participantes do sexo masculino, tinham idades que variavam dos 28 anos aos 39 anos de idade, tinham entre nenhum a quatro filhos, entre a 7ª classe e o ensino universitário concluído, eram residentes na Área Metropolitana de Maputo. Quanto ao estado civil, são todos

solteiros. Frequentam a Baixa da cidade ou nela trabalha em tempos que variam de entre 06 e 18 anos.

Abordei os participantes intencionalmente por viverem o quotidiano da Baixa da cidade de Maputo o que os torna fonte de informação para compreender as dinâmicas de acesso, ocupação e uso do espaço. Aos clientes e as mulheres que trabalham em espaços de prostituição abordava-os nas ruas, enquanto caminhavam ou a saída dos locais de acomodação e dos chamados *esquinas*.

4.4 Questões éticas

Os participantes foram informados que se trata de uma pesquisa com fins académicos e consentiram oralmente em participar do estudo. Os participantes aceitaram participar das entrevistas, mas recusaram que as mesmas fossem gravadas e para que eles estivessem confortáveis exigiam que mostrasse o meu telefone para verificarem se as conversas não estavam sendo gravadas. Usei como fonte de inspiração Gil (2008) que explica que as pessoas que participam de qualquer pesquisa, têm não apenas o direito de ser informadas acerca dos propósitos da pesquisa, mas também o de recusar-se a participar dela.

Ao longo do trabalho uso nomes fictícios, como forma de preservar a identidade dos participantes e evitar exposição a julgamentos em caso de uso de seus nomes reais. Procedi desta forma inspirado no Flick (2009) que explica que os princípios da ética de pesquisa postulam que os pesquisadores evitem causar danos aos participantes envolvidos no processo por meio de respeito e da consideração por seus interesses e necessidades.

4.5 Principais constrangimentos

Durante a realização do trabalho enfrentei dois principais constrangimentos. O primeiro teve a ver com algumas participantes do estudo que sabiam que trabalho na 1ª Esquadra. As mesmas pensavam que eu estava a espionar-lhes, o que me dificultava obter informações, mesmo que eu dissesse que estava a fazer um trabalho com fins académicos. Para superar esse constrangimento expliquei detalhadamente a natureza do trabalho e usei o cartão de estudante para provar que

estava a realizar um trabalho académico. Feito isso, compreenderam e concordaram em participar e consegui obter informação relevante para o estudo.

O segundo constrangimento teve a ver com os dias que fosse ao campo fardado e alguns automobilistas quando solicitados a pararem pelas trabalhadoras de sexo e esses recusassem a pararem, elas referiam que os clientes têm medo de pararem porque estavam a ver a mim a conversar com elas, e quando isso acontecia elas não aceitavam em continuar a conversar comigo e isso atrapalhava o desenvolvimento do meu projecto. Para superar esse constrangimento, alguns dias ia a civil, como também pedia o número do telefone para conversar onde os participantes sentissem-se mais confortáveis e sem interrupção do seu trabalho como nas barracas de venda de comida nos mercados da Praça dos Combatentes, na cidade de Maputo e Patrice Lumumba, na Matola.

5. Na zona de estudo, a Baixa da cidade de Maputo

O trabalho foi realizado no Bairro Central “C” localizado na Baixa da cidade de Maputo. A área abrange o perímetro que tem a Leste partes das Avenidas Samora Machel e Filipe Samuel Magaia, a Oeste uma parte da Avenida Guerra Popular, a Norte parte das Avenidas Zedequias Manganhela e 25 de Setembro e a Sul a Avenida Mártires de Inhamitanga. A área combina edifícios comerciais de serviços e de residência.

A mesma concentra escritórios, serviços, instituições bancárias, bares, restaurantes, discotecas, hotéis e pensões, ferragens, lojas de venda de roupa e vendedores ambulantes. A área possui ainda edifícios pertencentes às instituições públicas, com alguns edifícios de até 29.º piso, como são os casos do Banco de Moçambique e dos Ministério dos Transportes e Logística e da Indústria e Comércio e Geologia e Minas.



Figura 1. Delimitação da área do estudo

Legenda:

-  Área do estudo
-  MTEP que cobram 60 MT a 150 MT
-  MTEP que cobram 300 MT a 500 MT
-  Instituições frequentadas pelas MTEP
-  Ruína e depósitos usados pelas MTEP
-  Estabelecimentos usados pelas MTEP

Parte da Avenida 25 de Setembro conta com a presença de instituições públicas, hotel, estabelecimentos comerciais e edifícios residenciais. A Avenida Mártires de Inhamitanga conta com a presença de armazéns, instituições públicas, Teatro Gungu, prédios de até 14.º piso e um parque de venda de viaturas. A Rua da Mesquita conta com a presença da Mesquita da Baixa, ferragens, bares, edifícios residenciais de até 6.º piso e um edifício em estado de ruína.

Na Rua do Bagamoyo existem estabelecimentos comerciais como restaurantes, bares, discotecas, pensões, papelarias junto com instituições públicas, instituição bancária e edifícios de até 12.º piso e áreas residenciais. Na Rua Consiglieri Pedroso existem ferragens, mercearias, bancos,

esquadra da polícia, museu da moeda, edifícios residenciais, pastelaria e dois edifícios em estado de ruína. Na Avenida Samora Machel o estudo cobriu a área desde a praça 25 de Junho ao edifício do Banco de Moçambique.

Na Rua da Gávea perfilam restaurantes, armazéns e edifício residencial, enquanto na Travessa da Palmeira perfilam lojas e restaurante. Na Travessa de Boa Morte funcionam ópticas, alfaiatarias, igreja, edifícios residenciais. Por seu turno, na Avenida Guerra Popular perfilam a Praça dos Trabalhadores, instituição bancária e lojas, enquanto na Avenida Filipe Samuel Magaia perfilam lojas de venda de roupa. Por fim, na Avenida Zedequias Manganhela perfilam lojas de venda de roupa.

A área coberta pelo estudo é marcada por trânsito intenso de pessoas e viaturas, sobretudo nas chamadas “horas de ponta”, no início e no fim do dia, durante os dias do meio da semana. Cenário similar repete-se no início e no final de cada mês.

Nas áreas residenciais, as pessoas parqueiam os carros nos passeios e na berma da estrada, geralmente quando regressam dos seus locais de trabalho ou escola. Durante a noite, os carros são guarnecidos por seguranças dos edifícios e dos estabelecimentos comerciais. Quando amanhece, retiram os carros e vão para os seus locais de trabalho. As pessoas que chegam à cidade para trabalhar, parqueiam os seus carros nos passeios e na berma da estrada. Outros usam esses espaços transitoriamente para aproveitar os serviços que a área oferece. Para alguns, é o local de trabalho e para outros, local de residência.

6. Dinâmicas de ocupação e de uso dos espaços na Baixa da cidade de Maputo

6.1 Dinâmicas de acesso, ocupação e usos dos espaços na Baixa da cidade de Maputo

Nesta parte do trabalho exploro a forma como as pessoas acedem a Baixa da cidade e exploro dinâmicas de ocupação e de usos dos espaços que compõem a área de estudo no presente trabalho.

Um dos episódios que ilustra essa dinâmica ocorreu durante uma observação directa, quando duas mulheres solicitaram a retirada de uma terceira do local, alegando que ela não era daquele local, tendo sido obrigada a dizer a pessoa que havia levado para a Baixa da cidade. Nisto, apareceu a pessoa que a trouxe e confirmou que fora pela sua mão que a novata chegara aquele local, só não a apresentara porque teve uma saída antes de poder fazê-lo. Esclarecida a situação a novata foi autorizada a permanecer no local.

Outro exemplo que contribui para essa análise é a conversa mantida com Cláudia que relatou que foi parar na Baixa da cidade à convite de uma amiga que se conheceram quando perdeu emprego, solidarizou-se com ela, um dia levou-a para passear e foram parar na Baixa sem ela saber, instruiu que aceitasse sempre que alguém a chamasse e devia cobrar 500 MT. A partir daí começou a frequentar o local e sempre lhe dizia que só poderia estar naquele local, somente quando ela estivesse presente, porque caso contrário, mandariam-lhe embora.

Kiba tem uma história similar, opera na Rua do Bagamoyo e explicou que entrou na actividade sexual a convite de uma amiga que já presta aquela actividade, facto que possibilitou a sua aceitação, sob o risco de ser expulsa, excepto se a pessoa resistir as ameaças e manter-se lá. Nesses casos tendem a deixar a pessoa permanecer lá.

Outras mulheres ainda chegam na Baixa por conta própria, como pode-se depreender da história da Ângela,

Trabalhava numa casa, a minha patroa voltava sempre nas manhãs com dinheiro e eu me perguntava, onde ela trabalha para sempre voltar nas manhãs com tanto dinheiro. Um dia ela

conversava com amiga, onde falavam que na Baixa havia dinheiro ontem. Eu comecei a desconfiar que ela é prostituta, eu disse, afinal recebo migalhas enquanto também sou mulher e posso ir onde ela apanha dinheiro, aí decidi vir a Baixa, mas onde eu conhecia é na Guerra Popular e quando desci fui perguntando onde fica a Baixa que têm mulheres, até conseguir chegar aqui. Nos primeiros dias parava na Rua Consiglieri Pedroso, mas com o tempo fui fazendo amizades até hoje, que estou aqui (Ângela, 28 anos de idade, 1 filho, 60 a 150 MT, conversa informal, Junho de 2024, Baixa da cidade de Maputo).

Ângela ao referir que chegou a Baixa por conta própria, isso ilustra a resiliência e a determinação dela em buscar uma nova forma de ganhar dinheiro, mesmo que isso significa enfrentar desafios e riscos desconhecidos.

Quanto a secção das dinâmicas de ocupação dos espaços, da análise feita, percebe-se que existe uma dinâmica de ocupação dos espaços que varia com horário do dia e dia de semana. Quanto aos dias de semana, existe uma ocupação típica durante meio de semana, durante o dia e durante a noite e aos fins de semanas, existe outra dinâmica típica durante o dia e durante a noite.

Quanto a ocupação do meio de semana durante o dia, a tendência dominante é de pessoas que vão aqueles espaços para trabalhar, outras para comprar em vários estabelecimentos comerciais e algumas pessoas de passagem, viaturas de passagem e outras estacionadas na berma da estrada e nos passeios, polidores de viaturas, bancas de venda de pequeno-almoço, de frutas, de carteiras móveis principalmente nas ruas do Bagamoyo e Consiglieri Pedroso, estabelecimentos comerciais na sua maioria ferragens, abertas das 7h às 17h com interrupção das 12h às 14h.

Os estabelecimentos comerciais, dedicam-se a venda de material de construção, produtos da primeira necessidade, material do escritório e produtos de saúde ocular e visão, igualmente, é notório a presença das mulheres que trabalham em espaços da prostituição, precisamente nos cruzamentos entre a Rua da Gávea, Travessa da Palmeira, Travessa da Boa Morte e na Rua do Bagamoyo.

Quanto a ocupação durante o meio de semana no período nocturno, da análise feita, percebe-se que as mulheres que trabalham em espaços de prostituição expandem suas áreas de actuação e passam a ocupar espaços que durante o dia ficam ocupados pelos vendedores e utentes das instituições públicas e privadas, como é o caso do entroncamento entre as Avenidas Filipe

Samuel Magaia e 25 de Setembro, a Avenida Mártires de Inhamitanga, o edifício dos serviços notariais e no edifício do *Standard Bank* na Rua do Bagamoyo. Ao anoitecer verifica-se a saída e chegada das provedoras de serviços sexuais. Nesse período é notório o uso das *esquinas* como parte da vida sexual que domina aquele espaço nesse período.

É também nesse período que as discotecas e alguns bares na Rua do Bagamoyo funcionam, as ruas são frequentadas pelas pessoas que após a saída dos seus postos de trabalho, a pé e de viaturas usam as ruas como corredor de trânsito, com eventuais paradas. Verifica-se a presença de moradores dos edifícios em estado de ruína, mais conhecidos por *molwenes*, algumas bancas de venda de bebidas e de venda ambulante de chips nas ruas do Bagamoyo e Mesquita, os clientes, das áreas de restauração e de hospedagem. Passeios e a berma da estrada são ocupados pelas viaturas dos residentes e das pessoas que buscam serviços oferecidos na área.

Alguns parques de instituições públicas durante o período noturno são usados como espaço para a prática de relações sexuais entre os clientes e as provedoras desses serviços num negócio que envolve os seguranças que em contrapartida são remunerados por cada uso do espaço, chamadas *esquinas*. De entre elas contam-se o parque de viaturas que fica ao longo da Rua do Bagamoyo, o edifício dos serviços notariais e o parque de viaturas pertencente ao Fundo Nacional de Estrada.

Quanto a ocupação relativamente aos fins de semanas durante o dia, aos sábados, a tendência dominante é de pouco fluxo de viaturas de passagem e estacionadas na berma da estrada e nos passeios, os estabelecimentos comerciais abrem das 7h às 14h, verifica-se a presença de mulheres em busca de clientes, algumas sentadas principalmente nos cruzamentos entre as Ruas da Gávea, Boa Morte, Travessa da Palmeira e na Rua do Bagamoyo, outras de pé ou a circular. O uso dos parques prossegue junto com a presença de moradores dos *mugorodes*.

Aos domingos, verifica-se uma ocupação diferente com uma maior presença de mulheres em busca de clientes nas ruas de pé, sentadas ou circulando. Estão presentes também moradores de *mugorodes*, guardas das lojas e instituições públicas e privadas e, algumas viaturas dos residentes dos edifícios estacionadas e de pessoas que estacionam transitoriamente, algumas

viaturas de passagem, algumas que param na estrada para conversar e em caso de concordância as mulheres embarcam nas viaturas dos clientes.

Quanto a ocupação aos fins de semanas durante a noite, a tendência dominante é de funcionamento de áreas de restauração e bares, a presença de mais mulheres nos passeios e bares. Algumas viaturas de passagem, outras estacionadas na berma da estrada e passeios, outras paradas no meio da via, interpelando as mulheres principalmente na Rua do Bagamoyo.

Verifica-se bancas de vendas de bebidas alcoólicas e não alcoólicas nos passeios, de carnes assados nos fogões a carvão na Rua do Bagamoyo e de venda ambulante de chips. Verifica-se a entrada e saída das mulheres e seus clientes de viaturas e a pé no parque de viaturas ao longo da Rua do Bagamoyo, para prática de relações sexuais e outros que entram e saem nas áreas de hospedagem, a presença de clientes dentro das áreas de restauração, nas bancas de venda de bebidas e regista-se mais mulheres nas ruas e bares e discotecas que abrem as portas das 18h às 6h.

A Baixa da cidade de Maputo para além de ser um espaço social geral costuma ser tornado em um espaço onde ocorre o campo de trabalho sexual. Nesse espaço os territórios são demarcados e ocupados por vários grupos de mulheres que aí buscam e disputam clientes, num processo de territorialização de campo de prostituição.

No geral existem dois territórios distintos, cada um subdividido em três grupos específicos. No primeiro território, um primeiro grupo ocupa os cruzamentos da Rua da Gávea, Travessa da Palmeira, Travessa de Boa Morte e parte da Rua Consiglieri Pedroso. Um segundo grupo ocupa o cruzamento entre as Ruas da Mesquita e Consiglieri Pedroso e um terceiro grupo que ocupa o entroncamento entre as Avenidas Filipe Samuel Magaia e 25 de Setembro. Os preços dos serviços variam com os grupos, de 60 MT a 150 MT.

No segundo território um primeiro grupo ocupa a zona da discoteca Copa Cabana e no cruzamento entre a Rua da Mesquita e Bagamoyo, um segundo ocupa parte da Avenida Mártires

de Inhaminga e o último ocupa a zona do edifício *Standard Bank* e dos serviços notariais ao longo da Rua do Bagamoyo. Nesse território os preços variam de 300 MT a 500 MT.

Esse espaço de prostituição é organizado de acordo com o sentido de estatuto social, as mulheres que trabalham em espaços de prostituição agrupam-se em áreas que são associadas aos preços que praticam, a forma como elas vestem-se e as bebidas que consomem. Os locais conferem um determinado estatuto, há locais que é mais barato e têm locais que é mais caro, existe um sentido de hierarquização que é associado ao espaço.

Para além da questão de estatuto na prostituição, existe a questão de prestígio que está associada a questão de níveis que essas provedoras de serviços têm. Há um sentido de prestígio que faz com que as pessoas vão aos sítios que consideram de nível delas. Há ideia de prestígio que os interlocutores querem manter nesses espaços de prostituição, tanto as provedoras dos serviços quanto os clientes.

A ocupação dos espaços para a actividade sexual obedece a regras específicas como podem ser efectuadas durante o período nocturno, sobretudo durante vésperas de fim-de-semana e de feriados e nos sábados. Como destaca Peirano (2006), as dinâmicas sociais são produzidas e reproduzidas em nível micro, e nesse caso, pode-se ver como as mulheres que trabalham em espaços de prostituição apropriam-se do espaço de maneiras diferentes ao longo do dia e da semana. Sérgio, Heliano e Golfe partilharam suas impressões sobre o assunto, nos termos a seguir,

As prostitutas invadem esses espaços, por isso que nas horas do trabalho elas não ocupam esses espaços, esperam anoitecer para ocuparem. A rua da prostituição é a Rua do Bagamoyo, que antigamente era a rua que estava preenchida de bares, discotecas e pensões, e hoje já têm instituições públicas e privadas. Embora, na lógica, a Avenida Mártires de Inhaminga, devia ser a rua da prostituição, por ser a primeira que encontra após a saída do porto, onde os marinheiros deviam ao saírem do Porto terem acesso as prostitutas (Sérgio, 38 anos de idade, 4 filhos, segurança, entrevista, Abril de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

Essas prostitutas não ocupam esses sítios não por vergonha, mas porque elas sentem-se constrangidas, por conta dos utentes da instituição, dos vendedores, como também o próprio cliente há-de pesar-lhe chegar onde têm pessoas e falar com elas, onde as pessoas perceberão que ele está negociar para ir manter relações sexuais com a prostituta. Por isso, elas só ocupam aqueles espaços no período da noite e de dia aos sábados, domingos e feriados, dias que as

instituições estão fechadas (Heliano, 29 anos de idade, 1 filho, PRM, conversa informal, Março de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

As prostitutas sabem de antemão que aqueles espaços têm instituições públicas e existe regras estatais, tem também a questão de regras sociais ou valores morais. Elas não param nesses sítios para não expor a imagem dos clientes, também por conta da roupa que vestem, pode acabar por ferir os valores das outras pessoas. Por isso, que elas param quando começa a escurecer. Mesmo quando uma prostituta é levada pela polícia a esquadra, porque envolveu-se em algum problema, ela procura amarrar capulana ou colocar uma peça de roupa que cobre até os joelhos, por saber que vai a uma instituição pública (Golfe, 38 anos de idade, 3 filhos, PRM, conversa informal, Março de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

Quando alguém desrespeita as regras e ocupa o espaço fora do padrão previsto, gera espanto e não é atendido. Um dos exemplos que fundamenta esta constatação resulta do que observei durante uma manhã seguinte a um feriado, por volta das 6h. Estava eu parado a conversar com o guarda do parque que fica ao longo da Rua do Bagamoyo, quando um automobilista chegou no portão e buzinou a pedir que abrissem o portão da *esquina* para entrar e praticar actos sexuais. O guarda aproximou-se dele e informou que uma vez que já havia amanhecido não dava para usar o espaço como *esquina*.

Depois que o cliente foi embora, o guarda comentou que aquela era a hora de chegada dos funcionários ao local de trabalho, motivo pelo qual já não podia funcionar como *esquina*. Um outro exemplo revelador dessa constatação é o facto de as autoridades policiais orientarem as mulheres que trabalham em espaços de prostituição a não vestirem roupas transparentes e acima dos joelhos, estando aquelas sujeitas a sanções caso violem essa orientação.

Durante o dia, quando as mulheres que trabalham em espaços de prostituição ocupam locais como o cruzamento das Avenidas 25 de Setembro e Filipe Samuel Magaia, Avenida Mártires de Inhamitanga e nos serviços notariais, ninguém solícita os serviços, porque as pessoas que estão lá, algumas são utentes, vendedores e compradores e algumas *esquinas* só estão disponíveis no período da noite, uma ideia que pode ser encontrada nas conversas a seguir,

Aqui na Baixa cada pessoa tem sua esquina para trabalhar, de dia hei-de vir parar aonde, aqui fica cheio de pessoas que vendem caixas, quem há-de falar comigo, se as pessoas que vem aqui a sua preocupação é de vender caixas e as pessoas que vem aqui, querem comprar caixas. Mesmo que alguém me precise, é para irmos em que esquina, porque nas esquinas ainda têm pessoas que

estão a trabalhar. Ninguém pára de dia aqui, esperamos anoitecer (Saquim, 41 anos de idade, 3 filhos, 60 a 150 MT, entrevista, Março de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

Nós não paramos lá não porque nos proíbem, mas porque de dia, fica cheio de pessoas que vão pagar impostos e reconhecer documentos, mas também depende de cada um, eu por exemplo não paro no ARPAC de dia, procuro parar no outro lugar, mas há quem não tem problema em parar para trabalhar (Adilma, 38 anos de idade, 1 filho, 300 a 500 MT, entrevista, Março de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

O material analisado nesta parte do trabalho permite compreender a existência de diversas formas de acesso a Baixa da cidade. Enquanto algumas trabalhadoras de sexo são convidadas por alguém que já faz parte da actividade sexual, outras chegam ao local por conta própria, e devem brigar e resistir para que consigam manter-se lá, sob o risco de serem expulsas pelas que já operam lá antes delas.

O espaço que compõe a Baixa da cidade, analisado neste trabalho, é ocupado e usado de acordo com o dia de semana e com o período do dia. A partir desse cenário pode-se ver como as pessoas apropriam-se do espaço de maneiras diferentes ao longo do dia. Assim, enquanto durante o dia o espaço tende a ser ocupado para trabalhadores, vendedores, pedestres e utentes, com trabalho sexual discreto, e usado para circulação e estacionamento, a interacção centra-se em trabalho formal, circulação de pessoas e bens. Durante o período nocturno, em particular durante as vésperas do fim-de-semana e dos feriados, o mesmo espaço passa a ser predominantemente ocupado por pessoas que vão a Baixa em busca de lazer e diversão sexual e usado para encontros.

6.2 Transições no espaço da Baixa da cidade de Maputo

Nesta parte do trabalho exploro as transições que as pessoas realizam no seu quotidiano de ocupação e uso daquele espaço. As mulheres que trabalham em espaços de prostituição quando se encontram em suas zonas de residência são chefes de famílias, mães, avós, filhas, encarregadas de educação, estudantes. Um dos exemplos que atesta esse cenário pode ser encontrado no que Adilma contou,

Eu só venho a Baixa nos finais de semana, pior agora que não tenho empregada em casa para ficar com a minha filha, só venho nos finais de semanas quando ela estiver em casa do pai e outros finais de semanas que não vai em casa do pai venho com ela e passo lhe deixar em casa dos avós maternos em Mavalane e quando regresso a casa passo de lá lhe levar (Adilma, 38 anos

de idade, 1 filho, 300 a 500 MT, conversa informal, Setembro de 2024, Baixa da cidade de Maputo).

Um outro exemplo foi partilhado por Paulina que contou o seguinte,

Eu não venho sempre aqui na Baixa, nas quintas vou no Madjedje e aos domingos vou num bar que fica no Museu, esses dois dias não venho aqui, vou lá nesses sítios porque não se cobra a entrada. Faço isso, porque as vezes, não consigo dinheiro suficiente aqui e estudo de noite, estou a fazer informática numa instituição pública do ensino superior e pago mensalidades, esse é meu segundo ano, só assim consigo juntar o dinheiro (Paulina, 30 anos de idade, 0 filho, 300 a 500 MT, conversa informal, Março de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

Parte das mulheres provenientes dos bairros periféricos da cidade de Maputo e da Matola chegam a Baixa da cidade no início do dia, por volta das 6h, enquanto o remanescente chega no final do dia. Elas deslocam-se e chegam a Baixa vestidas de calças ou capulanas, carregando sacolas ou bolsas, onde metem roupas, sapatos de salto alto, cabelos artificiais e produtos de maquiagem que só usam chegadas próximo ao local onde prestam as suas actividades. É comum vê-las trocarem de roupa nos passeios, nos estabelecimentos hoteleiros, de restauração e em instituições públicas.

A semelhança do que Guerra (2015) mostrou em seu estudo, que as trabalhadoras de sexo possuem características diversas e tem proveniências diferentes. Porém, unem-se para um determinado fim, levando consigo das suas casas para o local de trabalho, certos itens como peruca, batons, blusas, e saias curtas para o uso no decorrer das suas actividades.

Nas madrugadas de sábados e domingos, algumas mulheres retornam às suas residências. Para o efeito, no geral fazem uso de transportes semiolectivos de passageiros, com destaque para aqueles que operam na rota Anjo Voador e Praça dos Combatentes. Elas tendem a apanhar essas viaturas na Rua do Bagamoyo. Ao anteceder o regresso a casa, voltam a vestir as roupas que usavam ao chegar ao local e guardam a roupa usada durante a actividade delas com os clientes, nas sacolas ou bolsas.

Por sua vez as mulheres provenientes dos edifícios em estado de ruína, essas saem das suas residências já vestidas de forma adequada ao ambiente de trabalho naquele local. E, no decurso

da actividade costumam retornar aos seus aposentos onde trocam de roupa. Estas tendem a ficar menos tempo a prestar os serviços.

A troca de vestuário remete para uma transição que essas mulheres fazem entre as identidades quotidianas delas nas suas zonas de residência, como donas de casa ou como mães e aquelas que elas assumem naquele ponto onde desenvolvem actividades relacionadas ao trabalho sexual. Esse cenário permite considerar que o espaço do trabalho sexual constitui um espaço liminar, um espaço que essas mulheres usam momentaneamente e para o qual devem vestir-se de forma particularmente adequada a aquele ambiente.

A troca de vestuário funciona também como chamariz para os clientes, de tal forma que a mesma mulher pode trocar de roupa diversas vezes na mesma noite. Mudam de roupa e retocam a maquiagem como observei durante uma das observações efectuadas numa noite de uma sexta-feira.

Estava eu encostado no muro do Arquivo do património Cultural (ARPAC), e notei a presença de uma trabalhadora de sexo parada no passeio vestida de calcões jeans, uma blusa branca e de sapatos de salto alto. Um tempo depois saiu, entrou no Hotel Carlton de onde saiu cerca de 15 minutos depois e retornou ao local onde estivera parada antes, mas desta feita vestida de um vestido curto da cor verde e de sapatos altos. Quando questionei a uma das participantes do estudo por que mudam de roupa a meio da actividade, ela teria explicado o seguinte,

Mudamos de roupa quando não conseguimos apanhar clientes e temos a impressão de não termos clientes por conta da roupa que vestimos. Sabe, há homens que gostam de mulher vestida de roupa curta e transparente, porque para eles a mulher daqui da rua tem que ser diferente de mulher de lá fora e há aqueles homens que não gostam de te ver de roupa curta e transparente, porque para eles você já lhe mostrou tudo e preferem aquela de calça por ter tampado as pernas e falam que isso cria curiosidade para eles. Trocar de roupa resulta, há dias que você fica muito tempo sem sair e quando muda de roupa em pouco tempo você começa a sair (Paulina, 30 anos de idade, 0 filho, 300 a 500 MT, entrevista, Agosto de 2024, mercado de Patrice Lumumba).

Parte dessas mulheres mantém a família e amigos a margem das actividades sexuais que prestam a troco de recompensa financeira, principalmente as que trabalham no período da noite. Medo de

juízo, rejeição ou outras consequências negativas constituem alguns factores que contribuem para essa manutenção de segredo, como contou a Saquim,

Quando saio de casa despeço das minhas filhas dizendo que vou ao encontro do meu namorado, tanto que sempre elas pedem para lhe conhecer, e eu digo que quando chegar a hora hão-de lhe conhecer, na zona fico de óculos de vista e não visto a roupa que visto aqui na Baixa, porque não quero que os meus clientes me reconheçam quando nos cruzar lá fora, sou uma pessoa que estou numa fase difícil da vida, estou a passar por dificuldades financeiras e não me identifico com trabalho que faço aqui (Saquim, 41 anos de idade, 3 filhos, 60 a 150 MT, conversa informal, Junho de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

Algumas prostitutas que param em frente aos serviços notariais, trabalham mais no período da noite e de dia somente aos sábados, domingos e feriados, por não quererem ser reconhecidas no período de dia, tanto que, quando são finais de semana e feriados, os únicos dias que trabalham de dia, quando é hora da entrada no teatro Gungu, no período das 17h, é comum ver elas a tentarem se esconder para não serem vistas com as pessoas que vão ao teatro (Tatá, 43 anos de idade, 2 filhos, PRM, conversa informal, Março de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

Outras mulheres porém revela para a família e amigos que prestam actividades de carácter sexual, como a Adilma que contou que,

A minha família e o pai da minha filha, sabem que eu venho aqui na Baixa, fiquei a saber que a minha família sabia, quando a minha cunhada discutiu com o marido e veio viver um tempo na minha casa, onde um dia ela disse que não devia preocupar-me, podia sair a vontade para fazer o meu trabalho, que ela não estava a empatar-me em nada. Ao ouvir isso, desconfiei que ela soubesse e acabei abrindo-me para ela. Ela disse que sabia e todos os meus irmãos também sabiam, porque alguém que nos conhece, viu-me na Baixa e foi contar minha família. E o pai da minha filha sabe, porque nos conhecemos aqui na Baixa (Adilma, 38 anos de idade, 1 filho, 300 a 500 MT, Maio de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

Parte dos clientes trabalha na cidade de Maputo e usa as ruas da Baixa para transitar de e para o local de trabalho e de residência para realizar outras actividades. Outros, porém, deslocam-se à Baixa da cidade de Maputo em busca de serviços de lazer e de diversão sexual, de entre amigos, turistas e marinheiros que atracam no Porto de Maputo. Sílvia, de 35 anos, um cliente com quem conversei na zona da Baixa contou que raramente frequenta o local mas que naquele dia havia para lá se deslocado para relaxar e desanuviar da decepção de ter encontrado uma mensagem no telefone da esposa que sugeria aquela estar envolvida em uma relação amorosa com um outro homem.

Se por um lado alguns deslocam-se ao local para desanuviar, outros fazem-nos por pura diversão, como o Rachid, de 30 anos que contou que um dia foi surpreendido pela polícia numa *esquina*, ao longo da Rua do Bagamoyo, durante uma madrugada. Na altura ele na companhia de dois amigos estavam na companhia de uma única mulher a celebrar a despedida de solteiro de um deles que casaria na semana seguinte. Tanto o Sílvia como o Rachid e amigos estavam naquele local em um momento liminar, um momento atípico do qual se afastariam para momentos que compõem o normal do seu dia-a-dia.

Os dados analisados nesta parte do trabalho permitem compreender que a Baixa da cidade de Maputo é caracterizada por mulheres em trânsitos constantes entre os seus espaços de residência e o espaço de prestação de serviços sexuais, na Baixa ou nas casas dos clientes, entre as identidades que elas assumem nos seus espaços de residência ou de escola e o espaço onde prestam serviços sexuais e mesmo nestes espaços entra a forma como vestem-se em cada um dos espaços e no mesmo espaço.

Os principais intervenientes, nesse espaço de prostituição, que nas suas zonas residenciais desempenham o papel de mães, donas de casas e de pais e chefes de família ao entrarem para o espaço da Baixa enquanto espaço sexual ajustam suas aparências para adequarem-se as dinâmicas daquele contexto retornando aos seus papéis e identidades de mães, donas de casas e de pais e chefes de família concluída a sua missão naquele momento liminar.

6.3 Construção e gestão de espaços de risco

Nesta parte do trabalho analiso riscos, disputas e modos de sua gestão. Quanto aos riscos os resultados do estudo permitem considerar três riscos a saber, os riscos de infecção, os riscos de agressões ou contra a integridade física e os riscos de furtos ou patrimoniais.

Quanto aos riscos de infecção estes são referidos como ocorrendo face a prática de relações sexuais desprovidas do uso do preservativo masculino. A dispensa do uso do preservativo pode decorrer de diversos motivos aumentando assim o risco de contracção dessas infecções. Um dos motivos que leva a exclusão do uso do preservativo ocorre quando a prática de relações sexuais

envolve clientes habituais com quem as participantes referem ter desenvolvido um sentido de confiança, um cenário similar ao apontado por Muianga (2009).

Um outro motivo para a exclusão do uso do preservativo é o aumento substancial do valor da transacção. Nesses casos, os clientes propõem-se pagar valores mais altos do que os normalmente pagos e elas acedem como forma de ganhar mais dinheiro ou de ganhar algum dinheiro, sobretudo nos dias com escassez de clientes. Um dos exemplos que ilustra uma situação onde uma trabalhadora de sexo dispensa o uso do preservativo para ganhar mais dinheiro foi partilhado por Olívia,

Um dia saí com um cliente e perguntou sem dar voltas, quando é que eu precisava para fazer sexo sem preservativo. Pensei e porque dinheiro precisava e também tinha medo de doença, mas vi que o dinheiro haveria de ajudar-me a suprir grande parte das minhas necessidades, acabei por aceitar, tendo exigido 10.000 MT pelo programa (Olívia, 32 anos de idade, 2 filhos, 300 a 500 MT, conversa informal, Junho de 2024, Baixa da cidade de Maputo).

A Olívia ao referir que dispensou o uso do preservativo pela oferta mais alto de dinheiro, ilustra que tem consciência do perigo, mas a necessidade financeira é o principal motor, superando o medo do risco de saúde.

Entretanto, se por um lado algumas mulheres referiram aceitar, outras mulheres referiram recusar situações similares que impliquem a ausência de uso do preservativo, como o caso da Cláudia,

Sabe, há clientes que quando estão no quarto, durante o programa falam para não deitar de costas e durante a mudança da posição, retiram o preservativo e quando não é atenta, fazem relações contigo sem preservativo. Uma vez fizeram-me isso, a sorte é que no mesmo momento descobri, e quando perguntei, porque fez isso, explicou-me que tem pouco tempo e precisava chegar logo a casa. Recusei, ele prometeu que pagaria 5.000 MT pelo programa, seria muito rápido, mas mesmo assim não aceitei, porque a primeira impressão que tive foi que o Sr. é seropositivo e pretendia transmitir-me doença (Cláudia, 28 anos de idade, 1 filho, 300 a 500 MT, conversa informal, Junho de 2024, Mercado da Praça dos Combatentes).

A Cláudia ao referir que recusou a prática de relações sexuais sem o uso do preservativo mesmo com alta recompensa financeira, ilustra como algumas mulheres priorizam sua saúde e vida em detrimento do risco iminente de contrair doenças sexualmente transmissíveis, reconhecendo a manipulação do cliente.

Gune (2008) em seu estudo refere que, ao longo da vida sexual, os atores sociais combinam o uso e o não uso do preservativo, dependendo das percepções e significados que atribuem ao que consideram “sexo seguro ou sexo perigoso”. A inconsistência no uso do preservativo ocorre mesmo diante do aconselhamento regularmente feito nessa direcção pelos pontos focais pertencentes à associação ABEVAMO, que lida com a segurança das mulheres.

As mesmas têm promovido palestras junto de pares onde abordam riscos de infecção sexual e formas de sua redução, incluindo o uso do preservativo nas relações sexuais e a sua distribuição. Também aconselham a essas mulheres a contar aos seus parceiros ou família sobre aquele tipo de actividade na qual elas estão envolvidas, e fazer testes para despiste de infecções sexualmente transmissíveis junto com os respectivos parceiros.

Quanto aos riscos de agressões ou contra a integridade física, algumas mulheres partilham a sua profissão de prestadoras de serviços sexuais com a família, como estratégia de protecção dos riscos associados ao estigma e discriminação, por parte daquela e da sociedade no geral. Entretanto, se para algumas funciona para outras não e durante a pesquisa emergiram diversos relatos de maridos ou namorados que agrediram as mulheres ao saberem da actividade que realizavam na Baixa da cidade.

Clientes também costumam agredir as mulheres naquele contexto como ocorreu na Rua da Boa Morte num dia em que uma mulher foi espancada por um cliente, militar que exigia a devolução do valor pago pelos serviços. Confrontado com situações como essa, Goldina secundou nos seguintes termos,

Já sofremos muitas vezes situações de agressão aqui, alguns clientes que se dizem ser militares, uma vez um pagou-me 70 MT e fomos a esquina e depois do sexo, apertou-me o pescoço e me obrigou que lhe devolvesse o dinheiro que me pagou, tentei resistir, mas acabei cedendo a chantagem dele. Esses militares usam-nos como instrumento de satisfação sexual, aliciam-nos com valores e depois de se satisfazer arrancam-nos o nosso dinheiro (Goldina, 3 filhos, 60 a 150 MT, conversa informal, Outubro de 2024, Baixa da cidade de Maputo).

Um outro exemplo foi partilhado por Saquim que contou o seguinte,

Há luta aqui entre nós, mas os que têm problema, são aquelas moças que vivem no Tobias, quando te vendem um cabelo ou uma peça de roupa que são oferecidas pelos seus maridos *molwenes* daqui e depois demorar pagar te espancam bem aquelas (Saquim, 41 anos de idade, 3 filhos, preço 60 a 150 MT, conversa informal, Maio de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

Quanto as disputas presentes naquele espaço, algumas mulheres que prestam serviços sexuais atentam contra a integridade física umas das outras. Kiba de 42 anos, que opera na Rua do Bagamoyo, explicou que recém-chegadas tendem a ser as vítimas de expulsão por parte das mais antigas, facto que acontece quando as primeiras chegam as ruas por conta própria. Entretanto, caso a recém-chegada mantenha a sua postura e permaneça no local acabam por desistir do processo de expulsão. Casos de expulsão ocorrem também nos casos de trabalhadoras de sexo que vão ocupar um espaço que sejam habitualmente ocupadas por outras mulheres, principalmente quando as novatas no local angariem mais clientes que as antigas.

Outras referem ter uma postura diferente diante de recém-chegadas como o caso da Adilma que opera na rua do Bagamoyo, e explicou que ela e suas colegas provenientes dos bairros periféricos da cidade de Maputo, não mandam embora ninguém, porque elas estão lá por sofrimento, estão lá para cuidar das suas casas, então, não pode retirar alguém que também está naquela actividade para ter dinheiro para sustentar a família. Remeteu as agressões pelo controle de espaços as mulheres provenientes dos *mugorodes* que seriam causadoras das mesmas.

Quanto a resolução de cada uma das disputas, as entrevistadas explicam que algumas discussões são resolvidas entre elas, enquanto as outras são encaminhadas as autoridades policiais. A esse respeito, Golfe, um dos entrevistados explicou que quando casos de disputas de espaços entre trabalhadoras de sexo são encaminhados a esquadra, a polícia muita das vezes toma a postura de aconselhamento para que encontrem formas de partilhar os espaços, uma vez estarem na via pública onde ninguém pode ser proibido do direito de livre e circulação.

Golfe contou ainda que para prevenir os futuros casos, a polícia através do departamento de atendimento a família e mulher vítima da violência doméstica, tem feito palestras para prevenir casos de violência, de exclusão e promover um ambiente harmonioso entre as mulheres que operam na Baixa da cidade.

Por sua vez, quanto aos riscos de furtos ou patrimoniais tendem a ser maiores no período noturno, tal como relatam algumas entrevistadas que indicam casos de ocorrência de furtos praticados por clientes e por pares relatados por Cláudia e a Saquim,

Houve um tempo que andava com um suposto cliente no *taxe* que fingia falar a língua inglesa e o intermediário e tradutor era o taxista, ele é quem combinava o preço com a moça, de seguida lhe levavam em direcção ao hotel e durante o caminho desviavam-se, roubavam a moça todos os seus pertences, dinheiro e telefones e por vezes violavam a moça e abandonavam na rua. Isso foi acontecer de forma recorrente, a informação espalhou-se e chegou um momento em que parou, mas há moças que estiveram nessas situações e até hoje outras não voltaram mais (Cláudia, 28 anos de idade, 1 filho, 300 a 500 MT, Julho de 2024, mercado da Praça dos Combatentes).

Há moças aqui na Baixa que muita das vezes quando são dados alguns bens para pegar, como telefone e dinheiro, aproveitam-se e roubam, mas fazem isso quando sabem que você é nova aqui na rua (Saquim, 41 anos de idade, 3 filhos, 60 a 150 MT, conversa informal, Agosto de 2024, Baixa da cidade de Maputo).

Da análise feita a partir dos dados recolhidos percebe-se que para além das mulheres que estão sujeitas a riscos, os clientes também, principalmente nas zonas de menor preço, onde podem ser roubados por parceiros delas após a saída das *esquinas* ou por elas mesmas, e como mecanismo de gestão dos riscos, alguns clientes preferem pagar pensão ou hotel. Kiba partilhou sua experiência com esse tipo de riscos, nos seguintes termos,

Aquela zona de 60 MT só é barato pelo nome, mas "o barato sai caro", porque durante o acto sexual, a preocupação delas é vasculhar os bolsos do cliente para roubar dinheiro e telefones. E há casos em que o dinheiro combinado pelos dois sobe sem consentimento do cliente, quando a mulher percebe que o cliente tem dinheiro e não ter conseguido roubar durante o acto sexual, *confusionam* o cliente depois do sexo, alegando que combinaram um certo valor e o cliente não aceita pagar, e as vezes o cliente se sente obrigado a pagar o dinheiro mesmo sem concordar por não querer entrar no barulho (Kiba, 42 anos, 3 filhos, 300 a 500 MT, conversa informal, Setembro de 2024, Baixa da cidade de Maputo).

O aumento unilateral do preço pelo serviço constitui uma forma de extorsão e enquadra-se numa tendência similar a aquela identificada por Manjate (2014) no seu estudo sobre organização social dos moradores de *Mugorodes* da cidade de Maputo. Segundo o autor, os meninos de rua, mais conhecidos por *molwenes*, que adicionalmente as formas lícitas de sobrevivência que adoptam, alguns recorrem a furtos ou roubos na via públicas e nos mercados.

Na mesma linha do pensamento Maló (2017) refere que as mulheres que praticam a prostituição na Baixa da cidade de Maputo, em maiores casos são tidas como coniventes em actos criminais, tendo relações com os moradores de rua que orquestram certos actos criminais. Algumas delas, para além do trabalho sexual também aproveitam-se dos clientes que entram juntos nesses locais e durante o acto sexual furtam pertences daqueles que estejam nos seus bolsos ou no carro. São frequentes relatos de algumas delas que quando percebem-se que os clientes que entram com elas nas *esquinas* possuem dinheiro, ligam para os supostos namorados e ao saírem das *esquinas* os clientes são roubados.

Para a gestão desses riscos apesar de algumas trabalhadoras de sexo aceitarem prestar serviços na residência do cliente, assim como em pensões e hotéis distantes do território sexual. Outras recusam-se a prestar serviços na residência dos clientes, sobretudo quando este esteja acompanhado de mais pessoas na viatura em que circula. O mesmo sucede com pensões e hotéis distantes do território onde elas operam, essas mulheres tendem a recusar-se a deslocar-se para esses locais, como forma de prevenção de extorsão e agressão em território onde carecem de protecção de sua rede de pares e outros intervenientes que costumam intervir para protegê-las na zona da Baixa da cidade, onde normalmente operam.

Eu não sou de hoje nessas ruas, por isso que quando alguém chega aqui e precisar de mim, entramos aqui no parque, ou no Hotel Carlton, foram disso, mando ir, eu não aceito sair daqui para outros sítios com clientes, hum! Tenho uma filha que precisa de mim (Adilma, 38 anos de idade, 1 filho, 300 a 500 MT, conversa informal, Março de 2025, Baixa da cidade de Maputo).

A Adilma ao referir que recusa em ir a locais distantes, ilustra que elas têm uma estratégia de autoprotecção e minimização de riscos, especialmente fora do território onde tem rede de apoio e protecção.

Da análise feita a partir dos dados recolhidos constatou-se que na Baixa da cidade de Maputo abundam diversos riscos para os quais diversos mecanismos de gestão e resolução de disputas são colocados em prática pelos diversos intervenientes que participam daquele espaço.

7. Considerações Finais

O presente trabalho analisou as dinâmicas de ocupação e de uso de espaço e interacção entre pessoas na Baixa da cidade de Maputo, um assunto que tem sido tratado na literatura a partir de duas perspectivas. Uma primeira perspectiva centrada na identidade e significado que o espaço tem para as pessoas e grupos (Augé 2005; Barbosa da Silva 2009; Fortuna 1997; Silvano 2017) e a segunda centrada nas relações sociais e como elas constroem o espaço (Cardoso 1998; Egler 2005; Fernandes 1992; Sancho 2016).

Essa literatura permite compreender o espaço como um lugar de construção de identidade e significado para as pessoas e grupos e como um produto das relações e interacções sociais que o constroem. Foi inspirado por essa literatura que o presente trabalho interrogou a construção do espaço. Para responder a essa interrogação recorri a uma pesquisa etnográfica centrada nas dinâmicas de acesso, ocupação e uso de espaço e de interacção entre pessoas na Baixa da cidade de Maputo.

Com base nos dados recolhidos compreendi que a Baixa da cidade é ocupada e usada diferentemente de acordo com a construção do espaço que os utentes fazem dela. Durante o meio de semana, a zona é ocupada por trabalhadores, pedestres, vendedores e utentes, com o trabalho sexual discreto, e as ruas tendem a ser usadas para circulação e estacionamento, nesse período o espaço é construído como lugar de trânsito de pessoas e bens com foco no trabalho formal. À noite, as vésperas de fim-de-semana e de feriados e aos sábados, a ocupação muda, e a Baixa tende a ser construída como um destino em si, enquanto espaço de lazer e diversão onde as pessoas assumem temporariamente o papel de provedor de serviços sexuais ou de cliente, para no final retomarem cada um aos seus papéis de donas de casa e mães de família e de pais de família ou outros perfis com os quais se associam e se deixam associar no quotidiano.

O uso da etnografia permitiu-me assim confrontar o meu senso comum sobre a Baixa como um espaço de prostituição para compreendê-lo como um espaço construído em função das dinâmicas no seu uso e na sua ocupação que propicia uma situação liminar, ao transmutar-se temporariamente de um local de trânsito laboral para um local de destino sexual onde pessoas

transmutam suas identidades quotidianas para caber nas identidades que as dinâmicas de interacção demandam.

Nesse contexto é notória uma constante transição dos usos do espaço entre trabalho formal e prestação de serviços e trabalho informal com destaque para aquele que envolve sexo. Essa dimensão de transição constante é extensiva às mulheres que prestam serviços sexuais naquela área. As mesmas transitam constantemente entre as donas de casa que são nas suas zonas de residência ou de trabalho e as servidoras de serviços sexuais na Baixa da cidade, uma transição que é acompanhada pelo uso de roupas adequadas ao contexto do trabalho sexual quando estão na Baixa e de donas de casa e mães de família quando estão em suas zonas de residência ou durante o percurso em direcção a Baixa da cidade de Maputo. O mesmo sucede com aqueles que contratam esses serviços e que transitam para clientes enquanto estão naquele espaço para retomar aos diversos perfis a que pertencem uma vez terminada a prestação do serviço sexual.

O espaço da Baixa da cidade de Maputo enquanto espaço sexual é marcado por diversos riscos desde as infecções sexualmente transmissíveis, furtos, agressões por parte de clientes ou de pares e extorsão ou não pagamento pelos serviços prestados. Face a esses riscos as mulheres que trabalham em espaços de prostituição desenham estratégias para gerencia-los com destaque para o uso de preservativo, a escolha criteriosa de clientes e de provedoras de serviços sexuais, recusa de deslocamentos para espaços distantes daquela circunscrição onde elas têm mecanismos de protecção entre pares e de terceiros que com elas colaboram, contando também com a colaboração das autoridades policiais.

A prática da prostituição na Baixa da cidade de Maputo pode ser pensada como um espaço de liminaridade, um espaço que normalmente é reservado ao trabalho formal de prestação de serviços passa a ser momentaneamente usado como espaço centrado no lazer e sexo, e onde os intervenientes que normalmente operam no seu quotidiano como donas de casa, crentes religiosos, mães e pais, chefes de família e funcionários ou empregados transmutam-se momentaneamente como prestadoras de serviços sexuais, que inclui o uso de vestuário adequado aquela situação momentânea. Findo esse momento liminar, o espaço retoma aos seus usos para o trabalho formal e os intervenientes retomam ao seu sentido de normalidade na vida como donas

de casa, crentes religiosos, mães e pais, chefes de família e funcionários ou empregados. As considerações finais aqui apresentadas, enquanto fruto de uma pesquisa exploratória, podem ser pensadas como hipótese trabalho por aprofundar em pesquisas futuras e será interessante fazer uma revisão da literatura aprofundada sobre como na Antropologia é analisada a questão de uso de espaço e as respectivas dinâmicas.

Referências Bibliográficas

- Augé, Marc. 2005. *Não lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.
- Barbosa da Silva, Alexandre. 2009 “Entre a aldeia, a fazenda e a cidade: ocupação e uso do território entre os Guarani de Mato Grosso do Sul”. *Tellus*, 9(16): 81-104.
- Becker, Fenando. 1994. “O que é construtivismo?” *Série Ideias*, 20: 87-93.
- Capaina, Tubias. 2023. “A prostituição, sociabilidade e estratégias de sobrevivência: uma resposta aos efeitos da globalização”. *Njinga & sapé*, 3(II): 677-696.
- Cardoso de Oliveira, Roberto. 2006. “O trabalho do antropólogo: ouvir, ver, escrever”. In *O trabalho do antropólogo*. 2006. São Paulo: Editora UNESP, pp. 17-36.
- Cardoso, Ciro. 1998. “Repensando a construção do espaço”. *Revista de História Regional*, 3(1): 7-23.
- Castells, Manuel. 1999 [2018]. *O poder da identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Cristina, Nivalda. 2014. *Um estudo volátil: um estudo sobre definição de uma mulher a partir de alguns pontos das cidades de Maputo e Matola*. Trabalho de Culminação de estudos na modalidade de Projecto de pesquisa elaborado para obtenção de grau de Licenciatura em Antropologia. Maputo: UEM.
- Diniz, Gabriela. 2021. “Principais itens que devem constar em um estatuto social”. Disponível em: <https://assensus.com.br/estatuto-social> [consultado em 5 de Agosto de 2025].
- Eisenstadt, Shmuel. 1968. “Prestige, participation and strata formation”. In *Social stratification*. Jackson, John, org. 1968. Cambridge: Havard University Press, pp. 62-103.

Egler, Tamara. 2005. “Espaço social e política urbana global”. *Economia, sociedade e Território*, 5(17): 63-75.

Fernandes, António. 1992. “Espaço social e suas representações”. *Revista Científica Nacional*, 61- 99.

Flick, Uwe. 2009. *Introdução a Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Fortuna, Carlos. 1997. *Cidades, cultura e globalização*. Oeira: Celta Editora.

Giddens, Anthony. 1991. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: São Paulo: Editora Unesp.

Gil, António. 2008. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Goffman, Erving. [1978] 2003. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Granjo, Paulo. 2004. *Trabalhamos sobre um barril de pólvora*. Homens e perigo na refinaria de Sines. Lisboa: Imprensa das ciências sociais.

Guerra, Obonyo. 2015. *Gestão de Identidades: uma análise de relatos de mulheres que se prostituem na avenida Armando Tivane, na cidade de Maputo*. Trabalho de Culminação de estudos na modalidade de Projecto de pesquisa elaborado para obtenção de grau de Licenciatura em Antropologia. Maputo: UEM.

Gurjão de Mello, Hugo. 2017. “Nova Dimensão para a palavra estatuto”. *Revista do Serviço Público*, 2(105): 92-98.

Gune, Emídio. 2008. “Momentos liminares: dinâmicas e significados no uso do preservativo”. *Análise social*, 2(XLII): 297- 318.

Holanda, Aurélio. 1986. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Machado, Hilka. 2003. “A Identidade e o Contexto Organizacional: Perspectiva de Análise”. *RAC, Edição Especial*, 51-73.

Maló, Augusto. 2017. *Moradores de Mugorodes e suas Experiências em torno do Crime: estudo de caso a partir da baixa da cidade de Maputo*. Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de Projecto de pesquisa, elaborado para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia. Maputo: UEM.

Manjate, Inácio. 2014. *Moradores de Mugorodes: Um estudo sobre Organização Social entre os chamados meninos de rua da Cidade de Maputo*. Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de Projecto de pesquisa, elaborado para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia. Maputo: UEM.

Marconi, Marina e Lakatos, Eva. 2003. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.

Mazucato, Thiago. 2018. *Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico*. São Paulo: UNEPE.

Muianga, Baltazar. 2009. *Risco e Saúde no Contexto do HIV/SIDA: O Caso da Prostituição na Baixa da Cidade de Maputo*. Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos- Desenvolvimento Social e Economico em África: Análise e Gestão submetido ao Departamento de Sociologia. Lisboa: ISCTE.

Munhoz, Eduardo e Peres, Viviane. 2022. “A transmissão cultural do prestígio a luz das inovações tecnológicas de rápida informação”. *Revista de sociologia, antropologia e cultura jurídica*, 8(2): 59-75.

Mutisse, Dilman. 2013. *Aprendizagem e Reprodução de Prestígio entre um Grupo de Curandeiros na Cidade de Maputo*. Trabalho de Culminação de Estudos na modalidade de Projecto de pesquisa, elaborado para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia. Maputo: UEM.

Russo, Gláucia. 2007. “No Labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos”. *Caderno CRH*, 20(51): 497-514.

Sancho, Lindolfo. 2016. *Antropologia no campo expandido: interações entre antropologia e arte no estudo do espaço social*. Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais Humanas. Guarulhos: UFSP.

Silvano, Filomena. 2017. *Antropologia do espaço*. Lisboa: Documenta

Peirano, Mariza. 1992. “A favor da etnografia”. *Série Antropologia*, 2-21.

_____. 2006. “Max Weber e a antropologia: a relação entre micro-etnografia e macrosociologia”. In *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 101-109.

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc. 2003. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Turner, Victor. [1969] 1974. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Editoras Vozes Ltda.

Velho, Gilberto. 1985. “Desvio e Divergência: Uma crítica da Patologia Social”. *Jorge Zahara Editores*, 11-28. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/408961259/Velho-Gilberto-Desvio-e-divergencia-Uma-critica-da-patologia-social> [consultado em 4 de Setembro de 2025].

Zanirato, Silva, *et al.* 2008. “Sentidos do risco: interpretações teóricas”. Biblio 3w, Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, vol. XIII, nº 785, a. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-785.htm> [consultado em 3 de Setembro de 2025].